

## A CASA DA/NA TRANSITORIEDADE: EXPERIÊNCIAS NA MIGRAÇÃO PENDULAR DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS PARA O CAMPUS X – UEPA/IGARAPÉ-AÇU (PA)<sup>1</sup>

MOREIRA, Felipe Ferreira <sup>2</sup>

### RESUMO

A migração diária de pessoas que fazem do fluxo um fenômeno de acesso para estudar e/ou trabalhar, pela falta de oportunidades em seus municípios de origem residencial, é um dos âmbitos que caracteriza o fenômeno da pendularidade. Mas as implicações deste fenômeno não impactam apenas percepções espaciais dos migrantes pendulares em uma simples relação origem-destino, mas também incita pensarmos sobre suas relações com espaços mais íntimos, como a casa, por conta do ir-e-vir diário. Reverberações sobre este processo atingem o município de Igarapé-Açu, Estado do Pará, onde está localizado o Campus X, da Universidade do Estado do Pará, para o qual, universitários de diversas cidades empreendem a migração pendular. Para pensar este contexto, propomos como objetivo central para este artigo, compreender as experiências do estudante-migrante com sua casa, em uma vivência cotidianamente marcada pela pendularidade entre seus municípios de origem e Igarapé-Açu. Utilizando do método fenomenológico, entrevistamos quatro estudantes-migrantes para compreender como este fenômeno migratório fomenta implicações nas experiências diárias destes migrantes pendulares em relação ao seu habitar. O deslocamento diário de pessoas que migram para estudar em outras cidades pela falta de oportunidades em suas cidades de origem e/ou residencial, representa toda uma nova espacialização das relações casa-migrante, engendrando experiências onde habitar nas cidades dentro de um contexto de pendularidade é estar pautado em ritmos e rotinas diárias, de intensa transitoriedade e instabilidade em habitações que deveriam ser um aporte para segurança e estabilidade.

**Palavras-Chave:** Migração Pendular; Casa; Estudantes-Migrantes; Igarapé-Açu.

## LA CASA DE LA/EN TRANSITORIEDAD: EXPERIENCIAS EN LA MIGRACIÓN PENDULAR DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS PARA EL CAMPUS X – UEPA/IGARAPÉ-AÇU (PA)

**RESUMÉN:** La migración diaria de personas que hacen del flujo un fenómeno de acceso para estudiar y/o trabajar, por la falta de oportunidades en sus municipios residenciales de origen, es una de las esferas que caracteriza el fenómeno de péndulo. Pero los alcances de este fenómeno no impactan apenas percepciones espaciales de los migrantes que oscilan en una simple relación origen-destino, sino que también invita a que pensemos sobre sus relaciones con espacios más íntimos, como la casa, por cuenta del ir y venir diario. Repercusiones sobre este proceso afectan al municipio de Igarapé-Açu, Estado do Pará, donde está ubicado el Campus X, de la Universidad del Estado de Pará, para el cual, universitarios de diversas ciudades empiezan la migración pendular. Para pensar este contexto, proponemos como objetivo central para este artículo, comprender las experiencias del estudiante-migrante con su casa, en una vivencia cotidianamente marcada por la oscilación entre sus municipios de origen e Igarapé-Açu. Utilizando el método fenomenológico, entrevistamos a cuatro estudiantes-migrantes para comprender cómo este fenómeno migratorio fomenta implicaciones en las experiencias diarias de estos migrantes pendulares con relación a su vivencia. El desplazamiento diario de personas que migran para estudiar en otras ciudades por la falta de oportunidades en sus ciudades residenciales de origen, representa toda una nueva configuración espacial de las relaciones casa-migrante, engendrando experiencias donde vivir en las ciudades dentro de un contexto de oscilación es estar pautado en ritmos y rutinas diarias, de intensa transitoriedad y desequilibrio en habitaciones que deberían ser un aporte para la seguridad y la estabilidad.

**Palabras-clave:** Migración Pendular; Casa; Estudiantes-Migrantes; Igarapé-Açu.

<sup>1</sup> Este artigo é fruto de aprofundamentos e desdobramentos nas discussões presentes em: “Vivências e experiências pendulares: Lugares e deslugares na migração universitária para o Campus X - UEPA/Igarapé-Açu (PA) - Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia), Universidade do Estado do Pará, Igarapé-Açu, 2015”, que contou com orientação da Prof<sup>a</sup>. Msc. Laís Rodrigues Campos, e co-orientação do Prof. Msc. Wallace Wagner Rodrigues Pantoja.

<sup>2</sup> Graduado no curso de Licenciatura Plena em Geografia – Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: [ffm\\_kimera@hotmail.com](mailto:ffm_kimera@hotmail.com).

## THE HOUSE OF/IN TRANSIENCE: EXPERIENCES IN COMMUTING MIGRATION OF THE STUDENTS OF PARÁ STATE UNIVERSITY, IGARAPÉ-AÇU CAMPUS - BRAZIL

**ABSTRACT:** The daily migration of people who make the flow a phenomenon of access to study and/or work, due the lack of opportunities in their own cities, is one of the ambits that characterizes the commuting migration phenomenon. The implications of this phenomenon not only impact the spatial perceptions of the commuting migrants in a simple origin-destination relationship, but also encourages ourselves of thinking about their relationships with intimate spaces, like home, because of the daily go-and-come. Reverberations of this process reach the Igarapé-Açu City, Pará State - Brazil, where the X Campus of the Pará State University is located, and to where students from many cities undertake a commuting migration. In this context, the main purpose of this work is to understand the experiences of migrant-student with their home, on a daily routine marked by commuting migration between their home cities and Igarapé-Açu City. By the phenomenological method we interviewed four students-migrants to understand the implications of this phenomenon in their daily commuting experiences with regard to their dwelling. The daily movement of people who migrate to study at other cities due the lack of opportunities in their home and/or residential cities, represents a new spatialization of home-migrant relations, generating experiences in which to dwell in cities in contexto of commuting is to be guided by rhythms and daily routines of intense transience and instability.

**Key Words:** Commuting Migration; House; Students-Migrants; Igarapé-Açu City.

### 1. INTRODUÇÃO

As populações e os fenômenos que envolvem suas experiências nos mais diversos tipos de migração são objetos de diversos enfoques, inúmeros autores e diversas abordagens metodológicas que objetivam compreender a mobilidade espacial da população, cada qual optando por focar aspectos socioeconômicos, políticos, psicológicos ou simbólico-culturais que envolvem a figura do migrante. Dentre os tipos de movimentos migratórios, nos deparamos com aqueles que adquirem um cunho de fluxo migratório diário, sem mudança de definitiva de endereço residencial, a migração pendular, fenômeno ocorrido por conta de várias problemáticas, entre elas, a precária estruturação do setor educacional, de trabalho, de lazer, etc.

Para analisa-la, segundo autores como Heidemann (2004), Melchior (2011) e Jardim (2007), se faria necessário a observação da economia e das estruturas da sociedade local como molas propulsoras de um dado fluxo migratório e as suas eventuais consequências nas configurações territoriais. Porém, para além deste arcabouço teórico intensamente utilizado nas mais diversas áreas, encontramos Dal Gallo (2010) apontando para a dimensão existencial do indivíduo e dos grupos sociais mobilizados, onde intensas implicações sobre a dimensão do simbólico e do identitário, revelam um âmbito do fenômeno migratório que leva em conta a experiência de agentes espaciais e seus diversos deslocamentos.

Seguindo a acepção desta autora, nos propomos a discutir dimensões pouco enfocadas nos estudos migratórios: migração e fenomenologia. Decidimos somar à discussão destas dimensões a pendularidade, optando por compreendê-las a partir de um olhar geográfico que permite melhor entender, um cenário de reestruturação das relações ser-lugar por conta do movimento migratório. Entendemos que a palavra **migração** carrega consigo uma conotação que pode suscitar diversos sentimentos entre as pessoas que veem no trânsito diário de suas residências, a possibilidade de enfrentamento de uma cotidianidade de limitações marcada pela falta de estrutura em seus municípios de moradia.

A migração diária de pessoas que fazem do fluxo um fenômeno de acesso para estudar e /ou trabalhar pela falta de oportunidades em seus municípios de origem residencial, representa toda uma nova exteriorização e interiorização de simbolismos que preencherão novas práticas (culturais e sociais), ritmos e rotinas diárias associadas a um dado contexto espacial e afetivo. As definições desta migração pendular perpassam por variadas análises, entre as quais, encontramos Jardim (2007) afirmando que a pendularidade está ligada intrinsecamente às conotações socioespaciais construídas em dado território por uma mobilidade populacional, tendo como conceito característico a mobilidade populacional entre local de domicílio e local de desenvolvimento das atividades (trabalho, estudos) em um período determinado.

Há a construção de relações cotidianas que diferenciam os migrantes pendulares de quaisquer outras populações migrantes ou não, com implicações nos vínculos que se formam entre os lugares e o habitar no mundo contemporâneo, discutidos por Heidegger (2008 *apud* CAVALCANTE, 2012), como construções onde os seres humanos desenvolvem suas atividades rotineiras no âmbito do trabalho, podem criar um sentimento de habitar e não-habitar, onde construir o habitar ganha conotações vinculadas ao ato de estar em locais frequentados rotineiramente. Por conseguinte, novos significados sobre as relações empreendidas pelos migrantes pendulares com espaços íntimos como a casa são fomentados, haja vista, uma cotidianidade de intensa transitoriedade entre cidades, para ter os melhores empregos, uma melhor educação, melhores serviços, etc.

Estas experiências dos migrantes dentro do fenômeno da pendularidade entre cidades, podem levar à reestruturações significativas nos vínculos migrante-casa, (re) construindo percepções espaciais de populações migrantes em lugares antes intensamente reconhecidos, com os quais se identificavam e responsáveis por um enraizamento ser-lugar, mas na atualidade vividos dentro de uma rotina de constante transitoriedade e marcados por uma instabilidade espacial nas relações ausência-presença nos municípios

de residência. Nos propomos a pensar de maneira fenomenológica este contexto, trazendo o seguinte questionamento: Quais os significados da casa para migrantes pendulares que precisam diariamente abandona-la por conta de atividades em outros municípios?

Este questionamento sobre essa espacialidade do migrante pendular, envolve e atinge o município de Igarapé-Açu, situado na mesorregião Nordeste Paraense, no Estado do Pará (TOBIAS, 2003), onde há intenso movimento migratório estudantil devido à instalação do Campus X da Universidade do Estado do Pará (UEPA), o qual recebe grande número de alunos dos mais variados municípios paraenses, representando um símbolo da fluidez espacial das populações na região. Igarapé-Açu se insere em um contexto de nossa sociedade contemporânea classificada por Tuan (1980), como marcada pela alta mobilidade, onde as impressões do migrante, mesmo que adquiram conotações de fugacidade e transitoriedade, não podem ser negligenciadas.

O sentimento de buscar algo que exige a saída diária de sua residência, pode despertar no estudante perspectivas e sensações que vão de inserção nos mercados de trabalho, até a reconstrução de suas relações com o habitar diário envolvido em constante transitoriedade. Neste sentido, buscamos desenvolver nesta pesquisa como **objetivo central** para este artigo, compreender as experiências do estudante-migrante com sua casa, em uma vivência cotidianamente marcada pela pendularidade entre seus municípios de origem e Igarapé-Açu.

Antes de adentrar especificamente em tais significados a partir do entender dos estudantes-migrantes, consideramos necessário algumas considerações sobre o percurso metodológico da pesquisa, e uma contextualização espacial e numérica sobre o Campus da UEPA e as cidades que se inserem e tem sua existência transcorrida, em uma conjuntura que caracteriza uma dinâmica pelo fluxo entre Igarapé-Açu e diversas cidades paraenses. Estes apontamentos quantitativos são necessários, para contextualizar/demonstrar que as condições de precariedade na oferta de serviços educacionais nos municípios enfocados neste artigo, não partem de um *a priori*, mas são uma realidade que influencia nas experiências migratórias dos universitários com seus espaços mais íntimos.

## 2. METODOLOGIA E CONTEXTO ESPACIAL DA PESQUISA

Para uma melhor apreensão da temática de pesquisa proposta, utilizamos uma metodologia que pudesse levar à compreensão da mesma em uma abordagem qualitativa, julgando necessário antes de qualquer procedimento, leituras de livros, artigos e sites da internet sobre as questões que envolvem a temática proposta. Além de embasamento

teórico-metodológico, foram buscados dados populacionais e educacionais da região que abrange Igarapé-Açu, e consultadas também fontes secundárias disponibilizadas em documentos oficiais da administração do Campus X - UEPA de Igarapé-Açu, para uma ênfase na escala local da Instituição.

A partir das leituras, percebemos que era possível desenvolver na pesquisa uma compreensão das relações estabelecidas entre o fenômeno da pendularidade entre cidades, e as percepções de migrantes pendulares sobre sua moradia, em uma perspectiva fenomenológica. Para conseguir chegar o mais próximo possível ao entendimento dos migrantes universitários, sobre suas experiências e vivências migracionais a partir deles mesmos, elegemos entrevistas abertas ou em profundidade com estudantes que vivem diariamente em trânsito para a UEPA de Igarapé-Açu.

Foram conversas com quatro estudantes-migrantes dos cursos de Geografia e Pedagogia envolvidos cotidianamente no fluxo migratório das cidades de Santa Isabel do Pará, Maracanã, São Francisco do Pará e Castanhal, um migrante por município, nomeados como estudante-migrante 1, 2, 3 e 4, acompanhando por meio das suas narrativas, suas experiências migrantes para o supracitado estabelecimento de Ensino Superior, garantido anonimato. Os quatro diálogos com estes estudantes-migrantes, se mostraram abrangentes o suficiente para os limites desta pesquisa e em relação às suas experiências migratórias, possível em uma perspectiva humanista/cultural em Geografia, porque temos em mente que:

(...) Uma geografia comprometida com aspectos universalizantes que abarcam a sociedade como um todo, eximindo os universos particulares dos indivíduos e grupos sociais, não pode dar conta de uma geografia genuinamente humana e pessoal, forjada por cada geógrafo informal em seu mundo vivido (...) Essa perspectiva, ao defender a dimensão subjetiva e a experiência vivida pelos indivíduos e grupos sociais, propõe uma compreensão do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar (FERNANDES, 2014, p.78).

Por isso, mais que formular qualquer tipo de generalização quantitativa sobre o número de estudantes-migrantes entrevistados, o vital para a metodologia desta pesquisa, foi se aprofundar nas quatro narrativas para ter um aporte interpretativo mais denso sobre o fenômeno geográfico constituído pelo ato de migrar diariamente para Igarapé-Açu. A interpretação fenomenológica sobre esta pendularidade buscou partir primordialmente, dos relatos migracionais dos estudantes que fazem diariamente o movimento pendular de suas residências para o Campus da UEPA de Igarapé-Açu, pois concordamos com Oliveira e Cunha (2008), quando afirmam que a linguagem é importante aporte para que

entendamos os significados que as pessoas atribuem às suas vivências e as interpretações que nos ajudam a entender o mundo circundante.

Em se tratando especificamente do município onde se localiza o Campus X da UEPA, Igarapé-Açu está localizado na Mesorregião Nordeste Paraense e contou com aproximadamente 19.489 (dezenove mil quatrocentos e oitenta e nove) habitantes no ano de 2000, aumentando para 21.207 (vinte e um mil duzentos e sete) domiciliados em 2010 (BRASIL, 2015a). Além da sede municipal, o município possui 43 (quarenta e três) colônias agrícolas interligadas à sede. Essas colônias possuíam 12.911 (doze mil novecentos e onze) habitantes em 2000, obtendo um crescimento para a margem de 14.680 (quatorze mil seiscentos e oitenta) pessoas em 2010 (BRASIL, 2015a).

A UEPA de Igarapé-Açu surge neste município como forte ponto de referência para migrantes universitários, sejam temporários ou permanentes, dos mais variados municípios e localidades paraenses. Os dados apresentados pela tabela 01 demonstram uma realidade de intensa migração intermunicipal que ocorre em direção à Igarapé-Açu por ocasião dos estudos no Campus X, nos cursos de Pedagogia, Matemática, Geografia e Ciências Sociais.

**TABELA 01**

Número de matriculados/matriculadas no Campus X a partir dos municípios de residência (2013 e 2015).

CIDADE	Nº DE ACADÊMCOS	
	2013	2015
Igarapé-Açu	5	210
Castanhal	3	205
Maracanã	12	18
Santa Isabel do Pará	10	14
São Francisco do Pará	11	23
Magalhães Barata	2	4
Capanema	6	10
Belém	9	10
Ananindeua	2	5
Bragança	-	4
São Domingos do Capim	2	4
Irituia	-	1
Santa Maria do Pará	9	11
Nova Timboteua	-	4
Santa Luzia do Pará	-	3
Curuçá	1	3
Augusto Correa	1	3
Salinópolis	2	5
Peixe Boi	1	4
Terra Alta	-	2

Inhangapi	1	2
Ipixuna do Pará	1	1
Marituba	1	-
São Miguel do Guamá	6	10
Capitão Poço	3	4
Igarapé-Miri	-	1
Santo Antônio do Tauá	2	3
São João de Pirabas	-	1
Primavera	2	4
Vigia	-	1
Breves	-	1
Moju	1	-
Barcarena	1	2
Benevides	-	1
Abaetetuba	-	1
<b>TOTAL DE ALUNOS QUE NÃO SÃO ORIUNDOS DE IGARAPÉ-AÇU</b>	<b>199</b>	<b>366</b>
<b>TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS NO CAMPUS</b>	<b>324</b>	<b>576</b>

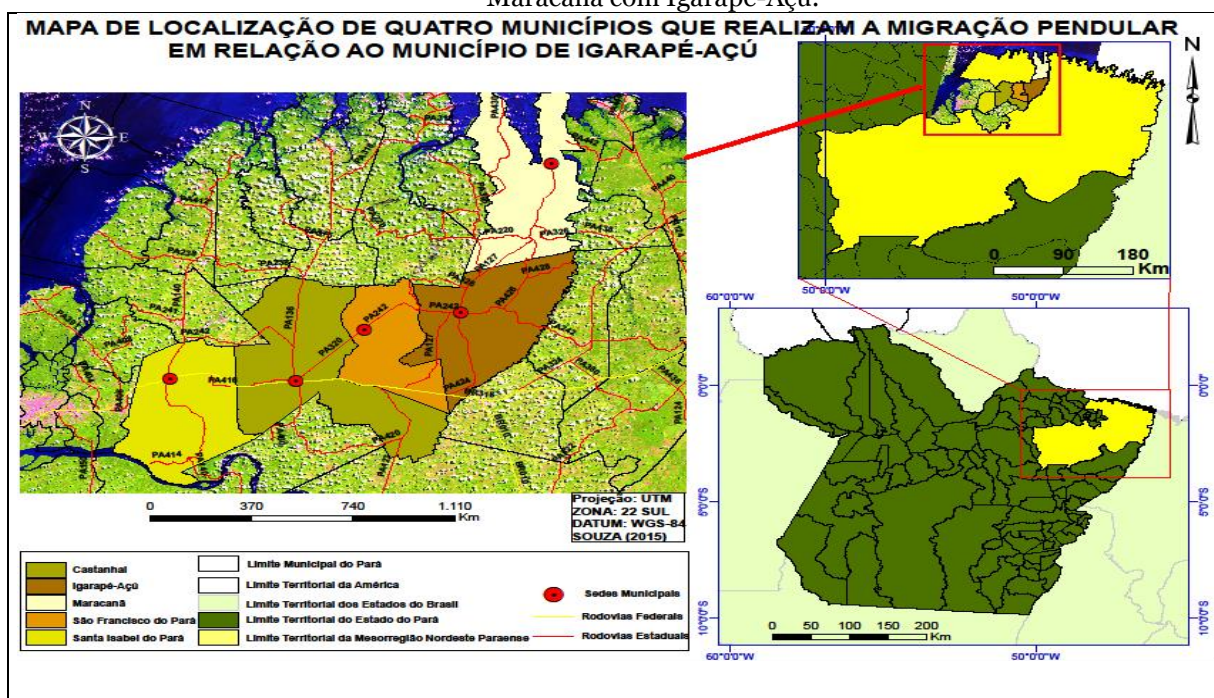
**Fonte:** UEPA - Campus X/Igarapé-Açu (2013, 2015) – Adaptada pelo autor.

Comparando o número total de matriculados da Instituição com o número de discentes oriundos de outras localidades, percebemos a disparidade entre a quantidade de acadêmicos que são residentes e/ou “naturais” do município no qual se insere o Campus da UEPA e os migrantes que, ou são oriundos de outros municípios, mas por conta dos estudos moram em Igarapé-Açu, ou migram dos seus municípios de residência diariamente. Isso significa um considerável grupo social, com um cotidiano transcorrido em grande parte num fluxo constante que têm como polo de atração o espaço universitário da UEPA em Igarapé-Açu.

Tais dados oficiais da UEPA denotam a migração intensa em direção à Instituição e confirmam o fenômeno migratório como alternativa principal para alunos oriundos de outros municípios que pretendem ter o Ensino Superior e, para alcançá-lo, são impelidos a deixar suas localidades. Neste quadro migratório, nos chamou atenção em especial, estudantes do Campus que empreendem um fluxo diário entre sua residência/município de origem e a UEPA. Entrevistamos quatro alunos e alunas de quatro municípios diferentes, mas partilhantes em comum de uma vida transitada pelo emaranhado de rodovias que possibilitam a ligação diária entre suas cidades de origem e Igarapé-Açu (mapa 01), por meio de ônibus de linha comercial e vans do transporte alternativo, com tempo de viagem variando de acordo a via, pois as rodovias estaduais (PA-320, 242 e 127) contam com um trânsito de veículos menor em comparação à rodovia federal (BR-316).

## MAPA 01

Mapa das ligações rodoviárias entre as cidades de Santa Isabel do Pará, Castanhal, São Francisco do Pará e Maracanã com Igarapé-Açu.



Fonte: Fabricia Souza (2015)

Das quatro cidades, Castanhal se destaca por ser considerada centro sub-regional e uma cidade média, tanto por conta do tamanho da sua população, em torno de 189.784 (cento e oitenta e nove mil setecentos e oitenta e quatro) domiciliados (BRASIL, 2015a), quanto por apresentar âmbitos de polarização em relação a estrutura produtiva, mercado de trabalho e importância política na região (TRINDADE JR, 2011). Já os municípios de São Francisco do Pará, com 15.380 (quinze mil trezentos e oitenta) habitantes, Maracanã, com 28.656 (vinte e oito mil seiscentos e cinquenta e seis) habitantes e Santa Isabel do Pará, com 66.490 (sessenta e seis mil quatro centos e noventa) habitantes (BRASIL, 2015a), são taxados como cidades de porte pequeno quando levamos em consideração os parâmetros populacionais do IBGE, sendo que nenhum deles possui Instituições de Educação Superior regularizadas e efetivamente autorizadas a funcionar pelo MEC (BRASIL, 2015b).

É diante de todo este contexto espacial de fluidez populacional diária entre estas cidades, que enfocaremos as vivências e experiências dos estudantes-migrantes a partir das suas percepções espaciais sobre a casa, aqui tomada como espaço íntimo e imprescindível para compreendermos os laços feitos e/ou desfeitos entre os estudantes e sua rotina espacialidade fomentada em meio á constante transitoriedade. A seguir, partiremos para a tentativa de apreensão deste migrante pendular que espacializou suas intencionalidades cotidianas por meio das suas falas, expondo relações transitórias e diárias entre as cidades,



entre espaços tão conhecidos, mas também em constante risco de se tornarem alheios à sua rotina.

### 3. RECONSTRUÇÕES NAS EXPERIÊNCIAS MIGRANTE PENDULAR-CASA

*“Vou-me embora pra Pasárgada  
Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
(...)”*

*Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização (...)”*

(Vou-me Embora pra Pasárgada – Manuel Bandeira)

Para dar início às discussões sobre as experiências migratórias cotidianas, fazemos aqui um nexos com a “Pasárgada” idealizada por Manuel Bandeira, quando percebemos perspectivas que em muito lembram o imaginário migrante que, por vezes, encaram os locais de destino como espaços que “tem tudo”, verdadeira “outra civilização”, condições para a própria existência, em face dos locais de origem suscitarem sentimentos de “aqui eu não sou feliz”. O migrante pendular precisa lidar com a instabilidade como fenômeno inevitável da/na sua espacialidade e que interfere na reconstrução da sua relação com os lugares, haja vista, a busca contínua de uma realidade socioespacial nos moldes de “Pasárgada”.

As implicações existenciais de uma vida na transitoriedade, que adquire traços de uma diária e rotineira inconstância nas cidades, nos leva a reflexões de um migrante pendular que pode ser focado como indivíduo cotidianamente diante de vivências, que o colocaram em uma instabilidade geradora de angústias na sua inserção nos lugares. Ao abordar a ontologia fenomenológica em Heidegger, Dartigues (1992) traz a tona que o ser-no-mundo é um ser-aí (*dasein*)<sup>3</sup>, que tem em um dos seus âmbitos, a sua existência em uma “mundanidade” marcada pela angústia de estar desprotegido ante o mundo ao seu redor, sendo este responsável por (re)construí-lo como alguém que se percebe atingido por relações de estranhamento e, até mesmo, certa sensação de impotência ante os riscos e medos de ser ele próprio ser-no-mundo.

A angústia logo revelará consequências no/sobre o *Dasein* e como ele se portará em relação a todo esse processo: “Agora o *Dasein* não se sente mais ‘em casa’, ele se sente ‘isolado e estrangeiro’, arrancado à ‘pátria da existência pública’ onde estava à vontade como em sua morada. **Mas era essa sua verdadeira morada?**” (grifo nosso, DARTIGUES, 1992, p.135). Tentar encontrar respostas a esta indagação, reverbera em

<sup>3</sup> “Este ente, que nós mesmos somos, e que tem, por seu ser, entre outras coisas, a possibilidade de colocar questões, será designado com o nome de *ser-aí (Dasein)*” (HEIDEGGER, 1964 *apud* DARTIGUES, 1992, p. 130).

tentar entender as implicações da migração em uma existência em que ser migrante pendular, é estar em constante trânsito entre cidades, demandando cobranças feitas ao migrante em se encontrar, se (re) afirmar ou mesmo se indagar em relação a sua morada, cada vez mais caracterizada por ser diariamente visualizada em ausências e presenças.

Atravessar cidades cotidianamente traz consigo, um contínuo processo de reconstrução nas percepções espaciais dos migrantes pendulares sobre seus modos de habitar e vivenciar os espaços, terminando por reorganizar desejos e simbolismos íntimos à constituição fenomenológica do **lugar**, tido na acepção de Brum (2015), como um espaço que é centro da relação experiencial que se estabelece entre os indivíduos e os locais e, portanto, suporte espacial para a edificação da existência humana. Neste contexto espacial, a casa é denotada na seguinte fala do estudante-migrante <sup>24</sup>, como parte fundamental na reconstrução das relações entre os migrantes e os lugares por conta da pendularidade: **“Aqui [em casa] eu acredito que sinto mais cansaço físico porque é o local de repouso [...] na UEPA, algumas vezes, [...] é inevitável a gente não sentir o cansaço, nas viagens... mas o cansaço mesmo é quando a gente está em casa” (ESTUDANTE-MIGRANTE 2, fala extraída de entrevista realizada em 5 de Janeiro de 2015).**

Em um âmbito de proteção/exposição diária, a migração o expõe a um mundo externo marcado pelo cansaço que vilipendia diariamente seu corpo e a casa é um mundo interno que constitui certa sensação de proteção, por oferecer repouso que possibilita o descanso diante da rotina de deslocamento intermunicipal constante, permitindo ao migrante se refazer e angariar novas forças. O mundo externo vivenciado pela migração, afeta diretamente os significados espaciais sobre a residência, onde nota-se a percepção de que a casa é o melhor local para estar, pois a moradia é assumida como proteção contra as agressões ao corpo vindas da externalidade extremamente caracterizada pelo fluxo.

A casa como lugar de proteção manifesta-se ainda mais, quando o migrante mede a intensidade do seu cansaço comparando com a estadia no Campus da UEPA: é permitido pelo corpo maior cansaço em casa porque lá é entendido como o lugar certo para repousar, é o “local de repouso”, enquanto na UEPA e durante as viagens, há a necessidade de estar em pleno movimento, do empenho e do esforço. Nestes termos, o corpo age com perspectivas de seletividade espacial, demarcando os espaços onde o migrante pode mostrar-se mais frágil, mais dependente da proteção dos lugares mais familiares, e os espaços onde é preciso, ao menos aparentar, estar sempre preparado para alcançar as metas que justifiquem a migração.

---

<sup>4</sup> Para fins de destaque no texto, decidimos expor em negrito as falas dos estudantes-migrantes que ocupam três ou menos linhas; as falas que ocupam mais de três linhas no texto, seguem as normas de citação da revista.

O desenrolar das atividades responsáveis pela migração diária, age como construção dos sentidos dos lugares numa perspectiva pendular que encara a espacialidade, como união e separação na relação dos migrantes com a sua moradia, uma percepção que entende os locais não como pontos fixos nos percursos diários, mas dispostos no espaço a partir das demandas de um cotidiano de extrema fluidez na vida do migrante. Tal vida-nomovimento permite considerações como as que emergem na seguinte fala da estudante-migrante 1:

“Parecia que tudo estava favorecendo para que eu ficasse morando lá (em Igarapé-Açu), já fui com um aperto muito grande porque eu não iria ter aquele momento com a minha família, à noite principalmente, não iria mais ter esse momento com eles, ficar com os meus animais (...) e isso me fortalece de certa forma” (Fala extraída de entrevista realizada em 6 de Dezembro de 2014).

Notamos que estar presencialmente, mesmo que apenas por algumas horas, “à noite”, com pessoas e animais do cotidiano montado anteriormente ao início do fluxo migratório, significa fortalecimento. Desenvolver estas percepções é imperativo para revestir a rotina migratória estudantil contra possíveis sentimentos de colocar em xeque a ida diária à Igarapé-Açu, melhor enfrentando, dessa forma, as viagens que afastam sua presença de lugares amplamente conhecidos e que trazem à tona um reconhecimento espacial que reúne laços e vínculos afetivos.

É a construção e experiência de um novo estar em contato com lugares íntimos, em um relacionamento diário que:

Às vezes é rico, às vezes é fraco, mas é uma inescapável parte do ser. Um lugar é a especial *reunião* que, em sentido geográfico, reúne a fisionomia de lugar, atividades econômicas e sociais, história local e seus significados. Em sentido mais psicológico, reunião integra nosso corpo, o estado do nosso bem-estar, a imaginação, o envolvimento com os outros e nossas experiências ambientais. (Grifo do autor, MALPAS *apud* RELPH, 2012, p.29).

A vivência de certos “momentos”, como expressado pela estudante-migrante 1, em determinados lugares caracterizados pela **reunião** no dia-a-dia, são caracterizados como imprescindíveis. Por mais que rotinas e experiências na cidade de origem tenham sido brutalmente atingidas, o que resta de sua vida anterior à migração ainda encontra ressonância na estadia que, embora pequena e limitada, ainda guarda resquícios do pertencimento outrora tão comum em espaços como a residência.

Dartigues (1992), inclusive denota, a partir de Emmanuel Lévinas, as relações intrínsecas entre o desfrutar do prazer de estar em casa e a capacidade de se buscar a satisfação de estar acolhido, para que haja um desejo e afetividade na intimidade do viver. As turbulências da pendularidade, porém, nos obrigam a repensar a própria corporeidade do migrante nos lugares de origem reconhecidos como referências de seu mais íntimo

acolhimento, haja vista, na atualidade, estes lugares estarem diretamente respondendo a parâmetros desenvolvidos, a partir do cotidiano construído em espaços onde se desenrolam apenas atividades que oferecem condições estruturais para sua sobrevivência.

Para Braga (2010), todo este cenário ganha contornos onde a habitabilidade do lugar, tomado como protetor, precisa ser debatida para além de um espaço envolto em afetividade onde o indivíduo se sinta bem: é atualmente, mais do que nunca, necessário que se manifeste também como defesa contra percepções marcadas pelo perigo e risco de se considerar exposto à rotinas degradantes. O caráter de espaço que abriga os lugares reconhecidos e familiares angariado pelo município de origem de um migrante, é envolto por uma cotidianidade pautada no deslocamento, e agora pode se tornar muito mais um abrigo com projeções apenas de descanso à serviço da pendularidade.

Os processos de reconstrução destas concepções pendulares sobre a casa em meio ao fluxo diário, emergem também na fala da estudante-migrante 4, quando compara o ato de morar em São Domingos do Capim, cidade na qual residiu durante a maior parte da sua vida, com a sua atual moradia na cidade de Castanhal, na qual reside desde 2012 devido os estudos: “[...] **me considero capinense porque a minha família é toda de lá, mesmo que um dia eu vá embora [de Castanhal], [...] lá [São Domingos] é nossa casa, aqui [em Castanhal] tudo é alugado [...] pra mim, a minha casa é essa daqui, mas lá é a casa da minha família, é totalmente diferente**” (ESTUDANTE-MIGRANTE 4, fala extraída de entrevista realizada em 4 de Fevereiro de 2015).

Há enormes discrepâncias no entender da estudante-migrante sobre ter uma casa em Castanhal e uma casa em São Domingos do Capim: esta última é lugar da “nossa casa”, do espaço apropriado e reconhecido como responsável por fazer a migrante está intimamente ligada á uma cidade por inteiro, sendo expressa como a “casa da minha família” com conotações espaciais que estabeleceram intimidades nas experiências, memórias e significados de toda uma vida antes da migração definitiva para a atual cidade de residência. Sua moradia em Castanhal também é apontada como “a minha casa”, mas com conotações de uma habitabilidade espacializada como o “alugado”.

Na ânsia de alcançar metas para ter um futuro melhor por meio da migração, o ato de morar pode ser palco de locais que podem ser vividos apenas temporariamente, por um valor de aluguel estipulado por alheios à vida do migrante e com significação direta de viver em meio a instabilidade nos lugares, tendo em vista a transitoriedade constante nas percepções de familiaridade e reconhecimento de lugares tão íntimos como a casa. Percepções do migrante pendular sobre a sua casa acabam sendo dissociadas das vivências

e experiências cotidianas, desenraizadas porque envolvidas num conjunto de lugares vivenciados de forma “totalmente diferente”, típica da contemporaneidade vivida cada vez mais dentro de grandes fluxos, que tornam nossa presença fluída pelos lugares, constituindo, por conseguinte, existência situada no dispersar das nossas afetividades e atividades em diferentes cidades.

Lugares vividos de maneira fluída onde se vive direcionado a um único aspecto do cotidiano, em detrimento de outros aspectos que formariam um viver e morar pleno nos lugares. Ainda assim, o estudante-migrante 3 demonstra que residir, mesmo que por pequenas porções de tempo do dia, em casa com a família é relatado como essencial: **“Por mais cansativo que seja [a pendularidade], eu moro com a minha família e venho dormir aqui em casa, eu vou estar perto dos meus pais e isso é muito mais importante pra mim [...] é melhor do que estar lá [morar em Igarapé-Açu] só porque, de alguma forma, vai ser menos cansativo” (ESTUDANTE-MIGRANTE 3, fala extraída de entrevista realizada em 19 de Janeiro de 2015).**

O ato de morar em casa com a família é atingido pela constante transitoriedade para Igarapé-Açu, mas estar em um espaço caracterizado pelos laços de intimidade familiar é visto pelo migrante como imprescindível para que se submeta ao ir-e-vir diário, em detrimento de uma migração permanente para Igarapé-Açu que talvez até pudesse gerar menos desgaste físico, mas representaria o rompimento com a moradia e seus significados de afetividade. Bachelard (1974, p. 197) nos ajuda a compreender estas relações entre Ser-Casa com suas explanações topofílicas sobre este processo: “em nossas próprias casas não encontramos redutos e cantos onde gostaríamos de nos encolher? Encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se”.

Por mais que o migrante esteja em Igarapé-Açu com intensa frequência diariamente, as vivências mais íntimas estão atreladas à sua cidade de moradia, visto que, lá estão os lugares habitados e amplamente familiares enquanto constituintes das histórias de vida, surgidos e embasados antes do início do fenômeno migratório, onde o ato de morar verdadeiramente espacializou e espacializa o ato de viver. Um ato de morar e de viver que significa principalmente a casa como abrigo contra a eventualidade e transitoriedade que dispersa/despedaça a espacialidade cotidiana: “[...] a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz. [...] a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem.” (BACHELARD, 1974, p.201).

Entretanto, as experiências no constante trânsito entre cidades, tem a possibilidade de apresentar significados de uma casa vivida a partir de um prisma de instabilidade da presença do migrante, de constante movimento que pode não proporcionar presença o suficiente para espacializar os vínculos de outrora com o lugar de origem, com inconstâncias e sensações de estranhamento com pessoas e lugares, anteriormente tão marcantes para a caracterização das vivências no espaço. Um processo cotidiano que os relatos a serem mostrados a seguir, ora compreendem como momentos normais na rotina migrante, ora momentos de instabilidades das suas relações.

#### 4. DESCONSTRUÇÕES NAS EXPERIÊNCIAS MIGRANTE PENDULAR-CASA

Para alguns migrantes pendulares expostos à constante transitoriedade, a casa pode passar a não ser encarada necessariamente como lugar onde é possível reconhecer estabilidade, familiaridade e proteção, como coloca a estudante-migrante 4: “[...] **eu aluguei aqui porque fica próximo de eu pegar van [...] a localização... por isso que eu não me mudo daqui [...] aqui é inseguro a noite, deserto, aí fica um pouco ruim pra mim, mas eu não me mudo daqui por causa da localização [...] pra estudar**” (ESTUDANTE-MIGRANTE 4, fala extraída de entrevista realizada em 4 de Fevereiro de 2015).

A moradia é compreendida como local de risco em certo período do dia, mas facilita o processo migratório, valendo a pena residir e estar localizada em um local que, ao menos, representa menos transtornos e mais proximidade com o principal ponto referencial para seu habitar no município: o local de “pegar van”. Este ponto referencial acaba por representar um local que simboliza claramente, o significado de uma vida-no-movimento que faz migrantes construírem as bases do ato de morar num verdadeiro habitar-no-movimento, constituído justamente para mantê-los o melhor possível dentro de um contexto de pendularidade.

Para pensar este ato de habitar sob a égide da migração, Dal Gallo (2011) nos mostra que devemos compreender que o ser é situado, e por isso inevitavelmente construtor do seu lugar-no-mundo. O fenômeno migratório quando assume importante papel na construção dos lugares, expõe uma perspectiva espaço-existencial<sup>5</sup> que precisa ser

---

<sup>5</sup> “Esta dimensão está no cerne das reflexões dos geógrafos humanistas, sendo ela considerada essencial para o entendimento do nosso ser-no-mundo. (...) A discussão sobre o migrar pode se tornar mais plena quando partimos do entendimento do ser. Pois afinal de contas, o âmago das implicações e questões que brotam do fenômeno migratório está no migrante, no ser migrante” (DAL GALLO, 2010, p.14).

colocada como enfoque necessário para entendermos como a vida na fluidez, mobiliza ou imobiliza a figura do migrante no espaço.

Em certa medida, este habitar-no-movimento pode imobilizar a dimensão espaço-existencial em locais considerados “inseguros”, mas manifesta-se como necessário para cumprir a principal meta de uma casa habitada, por exemplo, “pra estudar”, edificada nas percepções migrantes apenas para trazer o máximo de comodidade dentro da migração constante. A própria cidade da residência, acaba sendo plenamente vivida e imaginada para servir, principalmente, aos propósitos de criar locais na espacialidade local que permitam à vida migrante, habitar sem tantas restrições espaço-temporais, mesmo sendo uma moradia marcada por sensações de vulnerabilidade. É um **estar** nos lugares “por causa da localização” que fomenta uma vida enraizada, justamente, no fenômeno responsável por desenraizar migrantes do espaço local todos os dias e, por conseguinte, impedir laços mais afetivos com a sua moradia.

Neste sentido, partindo da perspectiva apontada por Relph (2012), pautada na experiência, percebemos os significados fundamentais da casa, como **lar** que deveria ser o espaço do profundo e intenso enraizamento, pertencimento e reconhecimento, sendo esvaziados em detrimento de um cotidiano de instabilidade nas vivências íntimas dos migrantes pendulares com a sua moradia. Tal contexto, pode representar olhares para a casa como um espaço limitado ao usufruto por algumas horas do dia e logo depois descartável, desconhecido e irreconhecível para os estudantes-migrantes, características de um local que se torna deslugar justamente por conta da quebra diária da presença dos migrantes.

Segundo Relph (1979), tal deslugar pode ser caracterizado como um espaço cotidiano tanto repetitivo e esvaziado em seus sentidos, podendo ser vivido e transpassado por pessoas que não têm plena consciência da ideologia subjacente nele inserido, quanto espaços já desconstruídos ou em pleno processo de (des)construção em seus simbolismos. Deslugares aonde as relações de identidade, afetividade e pertencimento terminam por ser esvaídas de sentidos e sentimentos responsáveis por fomentar uma espacialidade que permitiria reconhecer intimamente os lugares, desagregando relações em todos os âmbitos da vida de um indivíduo.

Mas, como se manifesta tal processo de deslugarização, nas experiências do migrante pendular, em um espaço que deveria ser tão fortemente marcado por percepções de intimidade, afetividade, proteção, familiaridade como o lar (CAVALCANTE, 2012)? Possíveis respostas para a potencialidade deste fenômeno começam a ser desveladas, quando percebemos por meio dos relatos dos estudantes-migrantes, o ir-e-vir diário

causando o abandono da residência, do lar, antes fonte-maior de percepções de reconhecimento com espaço ao redor. Visualizamos na seguinte fala da estudante-migrante 1, a casa sendo entendida apenas como um ponto de encontro na rotina diária migrante:

“A minha mãe sai oito da manhã de casa e só retorna dez e meia da noite, minhas irmãs saem sete e meia [da manhã] e chegam doze horas [meio-dia], e depois retornam novamente pra escola pra trabalhar, e aí quando elas veem a gente já vai todo mundo junto pra casa, do meu trabalho. Eu venho da faculdade, vou em casa, almoço, venho pra cá [para o trabalho] duas horas [da tarde], daqui eu saio seis e meia, sete [da noite], aí a gente vai todo mundo junto pra casa, ou seja, em casa torna-se um local só mesmo digamos dormitório, a minha casa é só uma casa-dormitório” (ESTUDANTE-MIGRANTE 1, fala extraída de entrevista realizada em 6 de Dezembro de 2014).

Ao invés de ser vivido como um lugar onde se tenha familiaridade, reconhecimento e proteção, a casa acaba sendo um local de parada final de cada dia e sem mais nada a oferecer a não ser descanso. A casa se manifesta como um lugar desconectado de vivências que inspirem outras atividades a serem desempenhadas na sua vida diária, sem a necessária referência estável num espaço que se apresenta cada vez mais fluído, degradando seu sentido de intimidade em direção a significados que transformam o lar, apenas em endereço residencial sem maiores laços de afetividade e reconhecimento.

Também nota-se na seguinte fala da estudante-migrante 4, o ato de morar nas cidades sendo subjugado a atividades desenvolvidas diariamente em outras cidades, comprometendo a percepção de migrantes em espaços que deveriam representar o amplamente reconhecido e vivido: **“Eu fui criada em São Domingos do Capim [...] eu moro aqui [em Castanhal] tem quatro anos [...] mas só por estudos, só por isso [...] se não fosse isso, não estava morando aqui”** (ESTUDANTE-MIGRANTE 4, fala extraída de entrevista realizada em 4 de Fevereiro de 2015).

Percebemos a cidade onde se localiza a casa de moradia, como, de certo modo, um “vazio” de significações de proximidade e reconhecimento, em detrimento de noções vinculadas às rotineiras atividades desenvolvidas diariamente em outra cidade, representando um habitar compreendido apenas para servir de ponto final do dia-a-dia de pendularidade, pontos topográficos sem sentidos mais íntimos na rotina migrante, habitados para alcançar certas metas, “só por isso”. É um processo que resvala na perda de sentido da casa como espaço onde a ela seria atribuída, a qualidade de integradora entre os pensamentos, as lembranças e os sonhos do ser humano, lugar que traria sensação de segurança para que não houvesse neste contexto de ir-e-vir diário, uma dispersão do Eu-Morar (BACHELARD, 1974).



Em vidas envolvidas com processos migratórios cada vez mais presentes como norteadores das percepções que indivíduos e grupos têm sobre viver o seu espaço, o lar mais do que nunca demanda compreensões sobre esta perda de seu papel de seguridade nas relações ser-lugar. Ante as possibilidades iminentes de instabilidade constante nos lugares, os olhares construídos pela intencionalidade de indivíduos em relação a sua moradia/residência revelam dinâmicas inéditas, visto que, a casa guarda o primeiro mundo do ser humano com intensos traços de familiaridade, corpo e alma das memórias e do viver, onde a existência percebe-a como porto seguro para suportar “tempestades do céu e tempestades da vida” que se formam e atingem a cotidianidade (BACHELARD, 1974, p. 201).

Com estas qualidades cada vez mais postas em xeque sobre a moradia, podemos corroborar com Marandola Jr (2008a) quando expõe que os significados de segurança e estabilidade do habitar, fixidez e pausa necessárias diante do constante movimento, passam por um profundo processo de modificação dentro da fluidez espacial contemporânea. Nestes termos, para o autor, migrantes redefinem as suas percepções sobre as relações próximo-distante, que acabam marcadas pela desagregação das experiências nos lugares, atingindo os simbolismos que envolvem a casa, tomada, diante deste contexto de mobilidade, como um espaço que parece assemelhar-se a uma ilha isolada de nossas vivências.

Termos citados nos relatos de alguns estudantes-migrantes, como “casa-dormitório”, demonstraram que a pendularidade pode se apresentar como fenômeno que engendra percepções, onde lugares íntimos se tornam estranhos às experiências e vivências de populações migrantes, expondo sua espacialidade como apenas um conjunto de locais dispersos que assumem um caráter de ponto de passagem. Há por isso, riscos de perda do significado de familiaridade dos lugares entendidos como suporte para suas memórias e identidade, não apenas em escalas menores como a casa, mas também em escalas maiores como a cidade de origem.

Reflexos migratórios que engendram percepções de uma vida transcorrida de tal modo fora destes espaços, que migrantes pendulares os encaram sem participação, nem comprometimento porque se identificar e reconhecer nos lugares tem como âmbitos intrínsecos a estes, a proteção e o acolhimento que a intimidade da casa já não consegue desempenhar plenamente. Este seria um processo de deslugarização crescente na contemporaneidade, pois Damiani (2012) aponta um processo de segregação espacial não apenas social, mas também de funções: deslocar-se pelos espaços se reduziria apenas a permitir e manter o deslocamento físico entre a casa, o trabalho e as lojas.

Diante deste cenário, as pessoas ainda tentam como podem, depositar os significados de abrigo e proteção à casa como espaço já intimamente reconhecido como familiar, o que seria contraponto a estes processos danosos da espacialidade cotidiana. Entretanto, Damiani (2012) alerta que se por um lado escalas maiores como a cidade já não conseguem ser lugar do encontro, de troca e diversão, por outro, nem a casa consegue desempenhar âmbitos que supram nossas necessidades afetivas e sociais, por conta de experiências cada vez mais dispersas nas relações diárias entre o ato de morar e o ato de trabalhar/estudar.

Com as dimensões espaço-existenciais dos grupos migrantes num verdadeiro processo “cambaleante” de encontrar seu lugar-no-mundo, as relações surgidas em torno do que se considera ser residência, lar, local de trabalho, local de estudo, e até mesmo os transportes coletivos que possibilitam a mobilidade, estão em constante possibilidade de engendrar espaços como deslugares fomentados a partir da pendularidade. Uma vida-em-movimento pode se tornar de tal modo transversal na vivência migrante das populações, que estas podem criar os mais diversificados vínculos e significados introspectivos com os fixos e fluxos perpetrados pelo migrar, fomentando percepções de repulsa e/ou austeridade meramente funcionalistas com os locais da vida diária.

Enfocar nas experiências migrantes, é focar experiências migratória em grande parte envolvidas pelas percepções de um processo deslugarizante que ocasiona desvinculação em relação às cidades de moradia/residência e que, em muitos sentidos, podem engendrar sentimentos de vulnerabilidade nos laços com o lugar de origem (MARANDOLA JR, 2008b). Por conseguinte, novas significâncias são dadas na tríade migração-migrante-casa: o migrar se manifesta na intencionalidade de populações migrantes como verdadeiro imperativo para ter os melhores empregos, uma melhor educação e melhores serviços para o lazer-consumo, mas para além desta materialidade, pautado também em anseios, sonhos, desejos e esperanças pessoais, familiares e sociais na espacialidade do habitar cotidiano.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para migrantes que se deslocam diariamente, estar constantemente envolvido em rotinas consideradas essenciais em cidades diferentes em um mesmo dia, engendra experiências e vivências difusas e mutantes que incorporam novos significados: se reconhecer/se identificar no habitar está interligado diretamente com ausências-presenças diárias, onde manter as relações socioespaciais com o lugar de origem dependerá da

maneira como as dimensões simbólicas das vivências e experiências se desorganizam e reorganizam ante o fluxo.

Foi revelado pelas conversas com universitários e universitárias, a busca pelo sonho de ser universitário como uma dinâmica vivida que cobra sua própria capacidade de ter que se reconhecer e identificar, enquanto habitante de algum lugar que fica entre o local de estudo, a mobilidade diária e o seu lar. A transitoriedade entre cidades trará novas rotinas, as quais, passam a suscitar novos significados à ausência e presença em relação a âmbitos que se denotam mais relacionados ao lugar de origem, como família, cidade de origem, e as próprias maneiras de visualizar a sua casa.

Mais do que isso, porém, a migração pendular monta um verdadeiro cenário do ir-e-vir de representações espaciais dos indivíduos, representando o transplantar diário de significâncias destruídas e reconstruídas a partir de atividades que atuam como vetor do processo migratório diário. Significados diários recheados de sensações e apreensões que resvalam e impregnam os significados do lar, impactados de tal maneira, que podem gerar um olhar de frivolidade porque se adaptam à busca para suprir necessidades construídas por ideários que se transvestem de oportunidades, mas revelam uma verdadeira espacialização de instabilidades nas relações entre migrantes pendulares e sua moradia.

Urge que cada vez mais, nos atentemos para a escala íntima da casa no espaço, compreendendo que a transitoriedade migrante não traz apenas implicações na produção material da sociedade, mas implica em questões que revelam âmbitos próprios, como a construção de significados em uma habitar experimentado cotidianamente de forma fluída pelos habitantes de cidades de todos os portes. No cerne do movimento pendular dos estudantes universitários que aqui expomos, começamos a visualizar percepções onde os significados da busca de melhor qualidade de vida por meio dos estudos, engendra significações espaciais marcadas pelo constante viver no estar/não estar, no lá/aqui como oportunidades, mas também como risco onde as noções de lar podem ser apenas percepções de um local perdido em meio ao cotidiano.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores).

BANDEIRA, Manuel. Vou-me embora pra Pasárgada. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. (Org.). **Bandeira a vida inteira**. Rio de Janeiro: Ed. Alumbramento, 1986. p.90.

BRAGA, Leticia Cassanelli. Caminhos pela Geografia Humanista: lugar, vulnerabilidade e fenomenologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16, Porto Alegre, 25-31 de

Julho de 2010. **Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos**. Porto Alegre: AGB, 2010. p. 1-8.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico - 2010**. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 13 de Setembro de 2015a.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Instituições de educação superior e cursos cadastrados**. Disponível em: <http://emec.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 de Setembro de 2015b.

BRUM, Jean Lucas da Silva. Entre lugares e deslugares: um olhar teórico a partir de Relph e Augé. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 16, Belo Horizonte, 18-22 de Maio de 2015. **Anais do XVI ENANPUR: Sessão Temática 10 – Emergências no campo dos estudos urbanos e regionais**. Belo Horizonte: ANPUR, 2015. p.1-13.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Poética do habitar: pensando a casa como categoria geográfica. **Revista Espaço Acadêmico: Dossiê – Rastros Urbanos: Encontros, Experiências e Narrativas**, Ano 11, n. 132, p. 48-59, Maio de 2012.

DAL GALLO, Priscila Marchiori. **A experiência de ser migrante: entre identidades e transitoriedades**. 2010. 70f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

\_\_\_\_\_. Lugar e identidade na experiência migrante: entre eventualidade e transitoriedade. **Geograficidade**, v. 1, n. 1, p. 44-58, Inverno de 2011.

DAMIANI, Amélia Luisa. **População e geografia**. 10 Ed. São Paulo: Contexto, 2012. (Caminhos da Geografia).

DARTIGUES, André. **O que é Fenomenologia?** 32. Ed. São Paulo: Ed. Moraes, 1992.

FERNANDES, Márcio Luis. Um outro horizonte em busca da humanização da Geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 1, p.78-87, Verão de 2014.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação. In: Serviço Pastoral dos Migrantes (Org.). **Migrações: discriminações e alternativas**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2004. Cap. 2, p. 24-39.

JARDIM, Antônio Ponte. Algumas reflexões sobre o estudo das migrações pendulares. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, 5, Campinas, 15-17 de Outubro de 2007. **Mesa Redonda: Movimentos pendulares: velhos e novos significados**. p. 1-15.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 2008. 278p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 29 de Fevereiro de 2008a.

- \_\_\_\_\_. Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar. **Antropolítica**, Niterói, n. 24, p.195-218, 1 Semestre, 2008b.
- MELCHIOR, Lirian. Migrações pendulares e reestruturação metropolitana do Rio de Janeiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 12, Belo Horizonte, 16-19 de Novembro de 2011. **Anais do XII SIMPURB**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. P. 01-12.
- OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CUNHA, Ana Maria de Oliveira. Breves considerações a respeito da fenomenologia e do método fenomenológico. **Cadernos da FUCAMP**, v. 7, n. 7, p. 1-12, 2008.
- RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, Abril, 1979.
- \_\_\_\_\_. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do Lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. (Orgs.). **Qual o espaço do Lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 17-32.
- TOBIAS, Alberto José Silva. **Dinâmica migratória paraense na década de 80**. 2003. 159p. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais – Área de concentração: Demografia) – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE/ Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE, Rio de Janeiro. Novembro de 2003.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.
- TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. Cidades médias na Amazônia Oriental: das novas centralidades à fragmentação do território. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n.2, p.135-151, Novembro de 2011.

Enviando em: 15/02/2016

Aceito em: 28/04/2016